

Ainda por identificar elementos da Renamo nos centros — revela a Unidade Técnica da ONUMOZ

Estadísticas da Unidade Técnica da Operação das Nações Unidas para Moçambique (ONUMOZ) indicam que nenhum soldado da Renamo foi identificado pelos observadores militares das Nações Unidas nos oito centros de acantonamento da Renamo abertos a 30 de Novembro último.

Até ao momento, apenas 423 soldados da Renamo chegaram oficialmente em dois centros de acantonamento no norte do país. Trata-se de 323 soldados que estão no centro de Mavago, na província do Niassa, e de 100 homens que se encontram em Lúrio, na província de Nampula.

A Unidade Técnica considera que o número das chegadas aos centros é apenas referente aos soldados cujos nomes foram divulgados pelo comandante de campo no seu relatório diário, acerca de todos os soldados sob o seu controlo e que vivem nas zonas de segurança da área, aos líderes das Nações Unidas posicionados nos centros de acantonamento.

Os soldados que nos centros marcam a sua presença física não foram contados pelas Nações Unidas a menos que eles se encontrem na situação referida.

Esta posição, segundo Ton Pardoel, justifica a eliminação das estatísticas de 200 soldados da Renamo em Mohiua, na província da Zambézia, mencionados na sexta-feira.

Advoga-se que eles não foram notificados para os observadores das Nações Unidas pelos seus comandantes de campo.

Na sua chegada, os soldados são

sujeitos a uma «revista» individual, feita pelos observadores militares da ONUMOZ, os quais fazem o registo de chegada. Os soldados são atribuídos um número (de identificação) e deixam as suas armas sob o cuidado das Nações Unidas. Nenhum soldado da Renamo passou por este processo.

De acordo com a Unidade Técnica, até às 19.00 horas de domingo, 1580 tropas governamentais tinham se apresentado nos 12 centros de acantonamento abertos. Deste número, 1423 passaram pela «revista».

Contudo, persistem divergências entre a ONUMOZ e o Governo quanto aos números de soldados acantonados.

Segundo o tenente-coronel Osório, da delegação governamental na Comissão de Cessar-Fogo (CCF), até domingo à noite 2590 soldados tinham chegado aos centros de acantonamento.

A divergência de números é bem ilustrada nos dados mencionados a seguir, onde o número da ONUMOZ aparece em primeiro plano e o do Governo vem entre parêntesis:

REGIÃO NORTE

- Montepuez (província de Cabo Delgado) — 248 (413)
- Lichinga (Niassa) — 39 (102)
- Marupa (Niassa) — Zero (60)
- Namialo (Nampula) — 352 (451)

REGIÃO CENTRO

- Chitima (Tete) — 224 (239)
- Caia (Sofala) — zero (265)
- Chibabava (Sofala) — 162 (252)
- Machaze (Manica) — Zero (200)

REGIÃO SUL

- Massinga (Inhambane) — 240 (353)
- Massingir (Gaza) — 100 (não disponível)
- Moamba (Maputo) — 182 (206)
- Magude (Maputo) — 34 (59)

O Ministro do Trabalho, Teodato Hinguana, que é um dos membros da equipa governamental na Comissão de Supervisão e Controlo (CSC), disse à AIM que o processo lento de acantonamento protagonizado pela Renamo é motivo suficiente para uma «preocupação».

Hinguana disse ter achado estranho que a Renamo só tenha iniciado o acantonamento em dois centros, «quando o Governo apresentou os 2590 homens nos diversos centros espalhados pelo país».

Hinguana deixou claro que as armas serão recolhidas e controladas pelos observadores da ONUMOZ no norte, centro e sul do país, no final do processo de acantonamento e desmobilização.

«O mais importante agora é que as pessoas levem as suas armas aos centros de acantonamento e não deixem ficar atrás», disse.

O Governo não vai admitir que a Renamo se apresente aos centros de acantonamento com setas, zagaias ou arcos. «Eles não fizeram a guerra com zagaias», rematou Hinguana. — (AIM)